



Protestantismo em Revista é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

A corpolatria e os transtornos da imagem corporal: uma realidade que exige atenção e cuidado

*The Body worship and Body Image Disorder:
A Reality that Demands Attention and Caution*

*Marco Antonio Guermandi Sueitti**
*Aline Pereira dos Santos Sueitti***

Resumo

As consequências, sobretudo, dos discursos persuasivos dos veículos de comunicação que, entre outras coisas, ditam as regras e padronizam a estética corporal, fazendo a sociedade investir cada vez mais tempo, energia e recursos financeiros destinados à construção e manutenção da imagem corporal, contribuíram de forma significativa para o surgimento da ditadura do corpo perfeito. Por se tratar de uma temática atemporal, este artigo pretende demonstrar os riscos que a ditadura do corpo perfeito pode promover em seus adeptos, assim como alertar sobre a necessidade de um olhar voltado para o cuidado. Nesse sentido, propomos abordar a corpolatria a partir da influência midiática e alertar sobre os transtornos psicológicos que afetam a percepção da imagem corporal.

Palavras-chave

Corpolatria. Ditadura corporal. Transtornos da imagem corporal.

Abstract

The consequences, especially, the persuasive speeches of the media, that, between other things, dictate the rules and standardize the aesthetic body, making the society invest increasingly time, energy and financial resources for the construction and maintenance of the body image, contributed significantly to the appearance of the perfect body dictatorship. Because it is a timeless theme, this article aims to demonstrate the risks that the perfect body dictatorship can promote on their fans, as well as warn about the necessity of a look turned to the care. In this sense, we propose to approach the body worship from the media influence and warn about the psychological disorders that affect the perception of body image.

[Texto recebido em abril de 2015 e aceito em junho de 2015, com base na avaliação cega por pares realizada por pareceristas ad hoc]

* Mestrando em Programa de Mestrado Profissional em Teologia - Linha de Pesquisa: Dimensões do Cuidado e Práticas Sociais - EST. Bacharel em Teologia Faculdades EST. Licenciando em Letras Unicastelo/SP. Marco Sueitti: marcosueitti@gmail.com.

** Pós-graduanda em Gestão de Políticas Públicas e atendimento as famílias. Universidade Camilo Castelo Branco (UNICASTELO), 2015. Bacharel em Teologia, Faculdades EST, 2013. Aline Sueitti: aps@greco.com.br

Keywords

Body worship. Dictatorship body. Psychological disorders that affect of body image.

Considerações Iniciais

A corpolatria e os transtornos da imagem corporal estão presentes nas discussões em torno da ditadura do corpo perfeito. Por utilizarem o conceito de saúde influenciam a sociedade contemporânea através de imagens subliminares de corpos torneados, belos e aparentemente ideais ao padrão de perfeição. Para melhor compreendermos essa realidade, pretende-se neste artigo verificar o discurso midiático, sua influência e co-responsabilidade na propagação da ditadura corpo perfeito. A relevância deste assunto encontra-se no expressivo aumento de academias, adeptos à musculação, cirurgias plásticas, etc. Diante dessa realidade ditadora, o paradoxo é alcançar o corpo perfeito, ainda que se exponha à ameaça de transtornos psicológicos.

Ao considerarmos a corpolatria o resultado de uma ideologia narcisista, podemos afirmar que a ditadura corporal pode ser a nova ordem estabelecida pelo discurso do corpo perfeito. Portanto, trata-se de uma realidade que exige atenção e cuidado. Para melhor compreendermos, realizou-se pesquisa bibliográfica no intuito de ampliar o conhecimento dos novos conceitos e contribuir com novas pesquisas em torno do assunto. Nesse caso, alguns referenciais teóricos serão brevemente apresentados como fundamentos do estudo. 1) Amor, Sexo e Tragédia: Como gregos e romanos influenciam nossas vidas até hoje, obra de Simon Goldhill, destaca as atividades físicas, academias e dietas como heranças dos nossos dias. 2) Da Cultura do Corpo, de Da Cultura do Corpo, apresenta o corpo humano sob a perspectiva fisiológica, social e cultural. 3) O triunfo do Corpo: polêmicas contemporâneas, de Edvaldo Couto, apresenta as relações do sujeito contemporâneo com seu corpo, cuidado de si e os ideais estéticos do momento. 4) O que é corpo(latria), Wanderley Codo, comenta o encontro do homem com seu corpo, a redescoberta do prazer, o reencontro do homem consigo mesmo. 5) Corpo e Comunicação: sintoma da cultura, de Lucia Santaella, discute as relações entre corpo, mídias, cultura, dentre outros assuntos.

Nos dias atuais a sociedade está cercada por discursos excessivamente apelativos que procuram estabelecer corpos torneados. Para isso, homens e mulheres investem cada vez mais tempo e dinheiro em cosméticos, intervenções cirúrgicas e demais recursos na intenção de responder ao apelo, configurando, assim, a ditadura do corpo perfeito. Essa ditadura do corpo perfeito faz uso de vários dispositivos, dentre eles, a musculação que, apesar do seu aspecto aparentemente inofensivo, torna-se um dos dispositivos mais utilizados para alcançar as transformações do corpo requerido por tal discurso. Entretanto, a obsessão pela transformação da imagem corporal pode acarretar, pelo menos, dois

transtornos psicológicos acentuadamente graves. Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo expor, tanto a corpolatria como os transtornos psicológicos resultantes do processo de construção de um corpo torneado e, conseqüentemente, servirá como um recurso para atrair a atenção no intuito de receber cuidados por parte dos profissionais correspondentes.

Corpolatria: a ditadura do corpo perfeito

Os veículos de comunicação são uma das principais ferramentas do capitalismo e responsável por monopolizar o corpo através da sua ditadura. Para isso, “o capitalismo consumista produziu uma indiferença generalizada em relação ao outro [...] É deste mundo materialista, que o corpo emergiu como o alfa e o ômega do sentido da vida”.¹ Isto é, a ditadura do corpo perfeito está disseminada na sociedade contemporânea por meio de veículos como, por exemplo, a publicidade, TV, internet, moda e demais recursos, cujo objetivo é influenciar na transformação do corpo. A percepção do próprio corpo é instigada pelas imagens das telas, páginas e outdoors, assim como veremos:

A primeira, por mediar a temática, mantendo-a sempre presente na vida cotidiana, levando ao leitor as últimas novidades e descobertas tecnológicas e científicas, ditando e incorporando tendências. A imprensa escrita vem se consolidando como espaço privilegiado não só para a divulgação de informações relativas ao corpo, mas também para a inculcação de padrões de beleza e de comportamento.²

Os recursos linguísticos estão entre as estratégias mais utilizadas nos discursos dos veículos de comunicação. Uma vez que os veículos de comunicação possuem uma ideologia consumista, a utilização de tais recursos está diretamente relacionada à manipulação da sociedade. Neste caso, é como se o discurso fosse uma rede lançada ao mar e os membros da sociedade fossem os peixes pegos pela rede. Não é por acaso que a divulgação da saúde e bem-estar venha acompanhada de uma imagem corporal torneada quando, na verdade, uma imagem corporal torneada não significa sinônimo de saúde e bem-estar. Ou seja, o que observa-se na grande maioria das revistas, jornais, telejornais, novelas, realityshows, etc., são influências subconscientes. “É tal a força subliminar dessas imagens que, mesmo quando se tem consciência do poder que elas exercem sobre o desejo, não se está livre de sua influência inconsciente”.³

¹ COSTA, Jurandir Freire. *O Vestígio e a Aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 225.

² SANTAELLA, Lucia. *Corpo e Comunicação: Sintoma da cultura*. São Paulo: Paulus, 2004. p.127.

³ SANTAELLA, 2004, p. 130.

A crescente demanda do mercado da beleza física, promove a revalorização do prazer e contemplação do próprio corpo. O narcisismo contemporâneo pode ser o surgimento da corpolatria.⁴

Era doença, agora é bem-estar. Era patologia, agora é ideologia. A marca mais evidente da corpolatria é o narcisismo. Curiosamente, na época de Freud os psiquiatras consideravam o culto excessivo à própria imagem como uma doença; hoje, além de perder o caráter patológico, passou a significar sinônimo de bem-estar consigo mesmo. “O indivíduo toma como objeto sexual seu próprio corpo e o contempla com agrado, o acaricia e o beija até chegar à satisfação.” É assim que ele caracteriza o narcisismo, como uma patologia que hoje tornou-se ideologia.⁵

Os métodos que são utilizados para disseminar a ideia do autocuidado e autocontemplação presentes no ideal narcísico é conformado pela sutileza da mensagem “amar a si mesmas, investir em si mesmas de acordo com as regras que são impostas à sociedade”.⁶ “Basear a identidade no narcisismo significa dizer que o sujeito é o ponto de partida e chegada do cuidado de si. Ou seja, o “que se é” e o “que se pretende ser” devem caber no espaço da preocupação consigo”.⁷

A mídia alimenta as miragens do ego. Enquanto os estudos sobre a subjetividade esforçam-se por denunciar os vultos fantasmagóricos que se escondem por trás dos axiomas das crenças, as mídias fazem pesar a balança para o lado das ilusões. Quem ganha a batalha no coração dos incautos? Certamente, as mídias, pois as imagens, que elas incessantemente passam, dão robustez ao imaginário que alimenta as miragens do ego.⁸

Atualmente fala-se em tempos hipermodernos cujo monopólio da ditadura do corpo perfeito ignora a compressão do corpo humano livre. Em outras palavras, sugere o controle sobre a população por meio de estímulos incessantes.

Nessa sociedade o trabalho sobre o corpo também “dura” e não cessa nunca: exercício permanente, academias a cada quarteirão, calçadas e praias cheias de pessoas praticando jogging, clínicas de “cirurgia estética” que proliferam, prótese de silicone e aplicação de botox como forma de produzir uma eterna juventude, uma beleza que “dure”, mas ao mesmo tempo uma “beleza padrão” [...] O que vemos na ação dos tempos hipermodernos sobre o corpo é uma forma de controle-estimulação, de

⁴ CODO, Wanderley; SENNE, Wilson A. *O que é Corpo(latria)*. São Paulo: Brasiliense, 2004. pp. 11-12.

⁵ Cf. CODO, 2004, p. 15-20.

⁶ Cf. SANTAELLA, 2004, p. 130.

⁷ COSTA, 2004, p. 185.

⁸ SANTAELLA, 2004, p. 125.

forma que, quanto mais estimulados, quanto mais “ativados”, paradoxalmente mais controlados estarão os corpos.⁹

O lugar que o corpo torneado ocupa na relação de prioridades dos sujeitos é observado pelo modo como a população se organiza no seu cotidiano. “Importa hoje o prazer físico, nem que para isso o indivíduo tenha que se sujeitar ao consumo de determinados produtos e hábitos corporais nem sempre saudáveis.”¹⁰

A corpolatria é o resultado de uma ideologia cuja aparência corporal é o fim em si mesma, onde o sujeito deve buscar excessivamente a perfeição do corpo ideal. Na sociedade atual constrói-se a ideia de que o corpo deve ser transformado pela atividade física, intervenções cirúrgicas e recursos estéticos, caracterizando, assim, a monopolização do corpo torneado padronizado pela ditadura corporal.

Para além da musculação. Os transtornos da autoimagem corporal

Desde os primórdios da história da Grécia a exibição dos corpos é parte fundamental da cultura, “o que herdamos da Grécia está por toda parte. O corpo grego enche nossa mente com imagens de como um homem deve ser. [...] Essa total perfeição do masculino é o que promete a ginástica, a razão pela qual você frequenta a academia”.¹¹

“O corpo deve ser, como insiste Luciano, magro mas bem desenvolvido – encorpado pela prática do exercício, mas não gordo ou exageradamente musculoso como um halterofilista dos dias atuais. Os músculos devem ser bem trabalhados (“talhados”), com abdome tipo “tanquinho” e peitoral definido; o torso deve revelar a crista do íliaco, a acentuada linha ou vinco que se estende do topo da virilha ao quadril e que só podem ser vistas quando os músculos são exatamente bem desenvolvidos e a taxa de gordura é excepcionalmente baixa – essa linha era enfatizada de tal maneira pelas esculturas gregas que era impossível copiá-las na vida real. As coxas são poderosas, as panturrilhas nitidamente delineadas...”.¹²

Contudo, se faz necessário, nesse momento compreender os malefícios da distorção da autoimagem corporal. Oriundos da obsessão pela atividade física, e a obrigatoriedade dos exercícios, está posicionada como um tipo de transtorno ainda não identificado como patologia. Somente a partir da caracterização do comportamento dos praticantes de musculação será possível diagnosticar os malefícios da ditadura do corpo torneado.

⁹ GALLO, Sílvio. Corpo Ativo e a Filosofia. In: MOREIRA, Wagner Wey (Org). Anne. *Século XXI: A era do corpo ativo*. Campinas SP: Papirus, 2006. p. 26-27.

¹⁰ DAOLIO, Jocimar. Corpo e Identidade. In: MOREIRA, Wagner Wey (Org). Anne. *Século XXI: A era do corpo ativo*. Campinas SP: Papirus, 2006. p. 58-59.

¹¹ GOLDHILL, Simon. *Amor sexo & tragédia: como gregos e romanos influenciam nossas vidas até hoje*. Tradução Claudio Bardella. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2007. p. 82.

¹² GOLDHILL, 2007, p. 22.

De modo esquemático, podemos dizer que tais sintomas se agrupam em dois grandes conjuntos: 1) transtorno na percepção da imagem corporal e 2) abusos na exploração das sensações corporais. No primeiro, estão os distúrbios alimentares, o fisiculturismo compulsivo, a compulsão por correção estética cirúrgica, as ansiedades de exposição, como a síndrome do pânico e as fobias sociais etc.; no segundo, as dependências químicas de drogas lícitas ou ilícitas.¹³

Observa-se que os sujeitos que dedicam-se a prática exacerbada de exercícios físicos são dominados pelo desejo do físico perfeito, tornando-se sujeitos excessivamente egocêntricos e narcísicos. Nesse caso, a percepção narcísica é caracterizada pela busca específica com aumento do tamanho dos músculos do corpo, sobretudo a imagem corporal, no que diz respeito ao reflexo que o sujeito enxerga no espelho, “ou seja, é a distorção da imagem corporal, onde o sujeito percebe seu corpo franzino quando, na realidade, é forte e musculoso”.¹⁴ Entretanto, a contradição ao descontrole da atividade física, especificamente a musculação, pode causar outros equívocos também presentes em nosso tempo, isto é, o sedentarismo.

A crescente redução da utilização do próprio corpo para realização de tarefas cotidianas vem aumentando a ocorrência de doenças ligadas ao sedentarismo. [...] A atividade física caracteriza-se, portanto, como um instrumento por meio do qual o indivíduo “modifica” seu organismo a fim de obter melhoras em seu estado de saúde. Para que isso aconteça, os princípios do treinamento desportivo devem ser sempre levados em conta. Com isso, se a atividade física for realizada de forma adequada, torna-se um fator determinante do estado de saúde de todos os indivíduos.¹⁵

Sendo assim, é essencialmente importante considerar que tanto o excesso, quanto a ausência de atividade física, são atitudes que prejudicam demasiadamente a saúde do corpo.

Qualquer comentário sobre hábitos alimentares, por exemplo, desencadeia, em geral, uma tagarela, bizarra e infantilizada competição de quem faz mais exercícios; quem como menos gordura; quem é capaz de perder mais quilos em menos tempo; quem deixou de fumar há mais tempo; quem ingere mais vegetais, alimentos e fármacos naturais etc. Em paralelo a isto, todo consumo de comida com alto teor calórico é precedida de verdadeiro atos de contrição e rituais preventivos de expiação da falta a ser cometida. Os que não aceitam jogar o jogo são vistos como problemáticos, do ponto de

¹³ COSTA, 2004, p. 55.

¹⁴ Cf. OLIVEIRA, José de Oliveira; ARAUJO, Claudio Gil Soares. *Proposição de um Critério Antropométrico para Suspeita Diagnóstica de Dismorfia Muscular*. *Rev Bras Med Esporte*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 188, mai./jun. 2004.

¹⁵ LAMBERTUCCI, Rafael H. et al. *Corpo Ativo e Saúde. A Educação entre o Controle e a Libertação do Corpo*. In: MOREIRA, Wagner Wey (Org). *Anne. Século XXI: A era do corpo ativo*. Campinas SP: Papirus, 2006. p. 109-110.

vista emocional, já que se entregam, sem escrúpulo, à autodestruição física e moral. Afinal, sem a boa forma, não teremos oportunidade alguma de ser vencedores. O mal do século é o mal do corpo.¹⁶

A ditadura corporal e o corpo da realidade

A começar do entendimento do que é o corpo humano, importa considerar elementos fisiológicos que estão além da aparência. “Composta por cerca de 50 trilhões de células, um esqueleto com pouco mais de 200 ossos, um coração que bate numa velocidade de 60 a 80 vezes por minuto bombeando 600 mil toneladas de sangue”.¹⁷ “Esse é o real do corpo, o corpo que o humano compartilha com o animal, um corpo que sofre as vicissitudes do tempo, sobrevive, sente dor, adoce, envelhece, morre.”¹⁸

As distorções da imagem do corpo são, nesta leitura, produto de choque entre o uso da representação do corpo como imagem e o uso como esquema. Falamos de “distorção da imagem corporal” sempre que o ímpeto de afetar a intencionalidade do outro compromete a responsividade do corpo ou a intenção de adaptação imediata ao ambiente. O desejo de usar a representação do corpo como imagem pode opor à tendência do corpo físico em manter o equilíbrio e a presteza para agir, provocando uma fratura na experiência da identidade do eu.¹⁹

Desse modo, o eu real anseia satisfazer sua autoimagem na transformação da sua aparência por meio das experiências com o modelo ideal. “Ao se tomar pela imagem, o infantil identifica-se com ela, mas essa imagem, de fato, não é ele. Ao mesmo tempo que lhe dá a ilusão de unidade do Eu, dele se separa como algo externo, outro.”²⁰ Assim, a ditadura do corpo perfeito se forma no imaginário do sujeito de modo que, inevitavelmente, a realidade conflita com a ideologia. Por isso, capitalismo consumista e narcisismo são facetas da corpolatria. Além disso, o discurso persuasivo da ditadura do corpo perfeito contribui ativamente para “a força controladora sobre os corpos, ditando padrões únicos de beleza para mulheres e para homens”.²¹

Podemos saber que diferentes culturas definem de modo distinto o que é um “belo corpo”. Podemos estar plenamente conscientes de que as imagens corporais são manipuladas por uma imprensa poderosa, que sempre produz fantasias sobre o corpo perfeito, seja uma rechonchuda mulher pintada por Rubens ou uma esquelética modelo nas páginas da *Vogue*. Mesmo assim, achamos que sabemos o que é um belo corpo. E o fato de

¹⁶ COSTA, 2004, p. 199-200.

¹⁷ Cf. DAOLIO, 2013, p. 39.

¹⁸ SANTAELLA, 2004, p. 141.

¹⁹ COSTA, 2004, p. 71-72

²⁰ SANTAELLA, 2004, p. 145.

²¹ SAMPAIO, Tânia M. Vieira. Corpo Ativo e Religião. In: MOREIRA, Wagner Wey (Org). *Anne. Século XXI: A era do corpo ativo*. Campinas SP: Papyrus, 2006. p. 67.

que pensamos realmente que sabê-lo demonstra o poder que os mitos gregos ainda exercem sobre a cultura ocidental contemporânea.²²

Destarte essa percepção, entende-se que toda atenção e dedicação ao corpo ideal, fruto de exercícios físicos, não é novidade do nosso tempo, ao contrário, por causa dessas referências sabe-se que o corpo perfeito é herança grega. “A escolha da academia, a preocupação com a aparência, o exercício do corpo, o seguimento de uma dieta, a utilização de um personal trainer – tudo isso são bons e velhos hábitos da Grécia antiga”.²³

Saber como nós nos tornamos o que somos é um passo necessário para compreender o que tem importância no mundo, e como podemos atuar nele. A história dentro de nós faz de nós o que somos. Precisamos compreender essa história para que possamos ser nós mesmos, por inteiro e plenamente realizados.²⁴

Em tempos hipermodernos, fala-se em “*bioidentidade*, e uma nova preocupação consigo, [...] ser jovem, saudável, longo e atento à forma física tornou-se a regra científica que aprova ou condena outras aspirações à felicidade”.²⁵

Por outro lado, o corpo da publicidade, entretanto, não se dirige diretamente a nenhum de nós ou considera as peculiaridades de nossas histórias de vidas, ao provocar o nosso desejo de imitá-lo. A moda, em sua neutralidade moral e constante mudança, não nos acusa, nem elogia, apenas se apresenta como um ideal que devemos perseguir, sem consideração pelas consequências físico-emocionais que venhamos a sofrer.²⁶

Essa busca pelo desempenho e pela perfectibilidade do corpo parece caminhar na direção de sua negação, se pensarmos que “o corpo humano só é corpo na medida em que traz em si o inacabado”.²⁷

²² GOLDHILL, 2007, p. 28.

²³ GOLDHILL, 2007, p. 20.

²⁴ GOLDHILL, 2007, p. 287.

²⁵ Cf.: COSTA, 2004, p. 190. (Grifo original).

²⁶ COSTA, 2004, p. 197.

²⁷ Cf.: GOELLNER, Silvana Vilodre; SILVA, André Luiz dos Santos. Biotecnologia e Neoeugenia: Olhares a partir do esporte e da cultura fitness. In: COUTO, Edivaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). *O Triunfo do Corpo: Polêmicas contemporâneas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 188.

Considerações Finais

Percebeu-se ao longo da pesquisa que a mensagem do corpo perfeito está para além de uma cultura trata-se, portanto, de uma ditadura. A priori, quando se pensa em corpos torneados, talhados por músculos, imediatamente vem à mente as imagens gregas, as belas esculturas nuas, ou seminuas. Por essa razão, o estudo parte da cultura grega de contemplação do corpo, atividades em ginásios, dietas e exposição pública. Em consonância a esse período, observamos em nossos dias, as mesmas práticas em busca dos corpos torneados.

O movimento atemporal da ditadura do corpo perfeito acarreta preocupações graves no que diz respeito a fronteira entre o saudável e o prejudicial. Nesse caso, paralelo à corpolatria, que nada mais é do que uma faceta do capitalismo que exige uma transformação corporal baseada no consumo, encontramos os transtornos psicológicos da autoimagem corporal, “onde o sujeito percebe seu corpo franzino quando, na realidade, é forte e musculoso”. Diante destas problemáticas, constatou-se que a propagação através das mídias é um dos subsídios de maior impacto, pois as mensagens explícitas ou implícitas em imagens de modelos de corpos, suscitam o ideal no imaginário da sociedade.

A ambientalização deste tema possibilitou a investigação histórica dos corpos perfeitos, mais ainda, a contextualização dos hábitos do passado, ativos no presente. A ressignificação do corpo na sociedade hipermoderna é a causa deste estudo, pois a realidade presente exige cuidados, sendo estes presentes e efetivos. Nesse caso, não se trata da negação ao autocuidado, mas, refere-se ao aprofundamento de pesquisas em torno do termo corpolatria e, conseqüentemente, investigações aprofundadas sobre os transtornos da imagem corporal.

Por fim, constatou-se que saúde e estética percorrem caminhos adjacentes, e compõem o ideário da sociedade contemporânea, através da ditadura do corpo perfeito. Nesse sentido, a glamourização do corpo é exposta nas mídias, nas vitrines e principalmente nas academias.

Referências

CODO, Wanderley; SENNE, Wilson A. *O que é Corpo(latria)*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

COSTA, Jurandir Freire. *O Vestígio e a Aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

DAOLIO, Jocimar. Corpo e Identidade. In: MOREIRA, Wagner Wey (Org). *Anne. Século XXI: A era do corpo ativo*. Campinas SP: Papirus, 2006.

GALLO, Sílvio. Corpo Ativo e a Filosofia. In: MOREIRA, Wagner Wey (Org). *Anne. Século XXI: A era do corpo ativo*. Campinas SP: Papirus, 2006.

GOELLNER, Silvana Vilodre; SILVA, André Luiz dos Santos. Biotecnologia e Neoeugenia: Olhares a partir do esporte e da cultura fitness. In: COUTO, Edivaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). *O Triunfo do Corpo: Polêmicas contemporâneas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GOLDHILL, Simon. *Amor sexo & tragédia: como gregos e romanos influenciam nossas vidas até hoje*. Tradução Claudio Bardella. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2007.

LAMBERTUCCI, Rafael H. et al. Corpo Ativo e Saúde. A Educação entre o Controle e a Libertação do Corpo. In: MOREIRA, Wagner Wey (Org). *Anne. Século XXI: A era do corpo ativo*. Campinas SP: Papirus, 2006.

OLIVEIRA, José de Oliveira; ARAUJO, Claudio Gil Soares. *Proposição de um Critério Antropométrico para Suspeita Diagnóstica de Dismorfia Muscular*. *Rev Bras Med Esporte*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 188, mai./jun. 2004.

SAMPAIO, Tânia M. Vieira. Corpo Ativo e Religião. In: MOREIRA, Wagner Wey (Org). *Anne. Século XXI: A era do corpo ativo*. Campinas SP: Papirus, 2006.

SANTAELLA, Lucia. *Corpo e Comunicação: Sintoma da cultura*. São Paulo: Paulus, 2004.